

BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA NO QUILOMBO DOM JOÃO COMO FERRAMENTAS DE INCENTIVO PARA OS DOCENTES DA REDE PÚBLICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Adriene Vanilza Bispo dos Santos²

RESUMO

O presente ensaio vai apresentar algumas das brincadeiras presentes no Quilombo Dom João como ferramentas de incentivo para os docentes da rede pública de educação infantil da região. A pesquisa realizada visa contribuir com práticas pedagógicas de professores na educação básica, socializando com costumes e tradições através dessas manifestações corporais e culturais de origem quilombola, indígena e portuguesa. Um dos objetivos é perceber a importância que essas brincadeiras acrescentam na vida adulta dessas crianças, observando também a importância do pertencimento étnico para a formação das mesmas. O mais interessante foi poder apreciar, escrever e desenvolver trabalho com pessoas que ativam o princípio da “memória coletiva”, pensando nas interações feitas mediante ao exercício da pesquisa.

Palavras-chave: educação infantil - Quilombo Porto Dom João; jogos educativos.

ABSTRACT

This essay will present some of the games present at Quilombo Dom João as incentive tools for teachers in the public early childhood education network in the region. The research carried out aims to contribute to the pedagogical practices of teachers in basic education, socializing with customs and traditions through these bodily and cultural manifestations of quilombola, indigenous and Portuguese origins. One of the objectives is to understand the importance that these games add to the adult lives of these children, also observing the importance of ethnic belonging to their formation. The most interesting thing was being able to appreciate, write and develop work with people who activate the principle of “collective memory”, thinking about the interactions made through research.

Keywords: early childhood education - Quilombo Porto Dom João; educational games.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza.

² Graduanda em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

As brincadeiras de infância fazem parte do modo de ser criança e de estar no mundo. De algum modo, em toda comunidade existirá formas próprias das crianças poderem exercer a ludicidade a partir do seu cotidiano, utilizando as estratégias e materiais disponíveis ao seu redor. O presente ensaio vai apresentar algumas das brincadeiras presentes no Quilombo Dom João como ferramentas de incentivo para os docentes da rede pública de educação infantil da região.

O quilombo Dom João fica localizado no município de São Francisco do Conde e foi reconhecido como tal em 2012 pela Fundação Cultural Palmares. Atualmente, a grande maioria dos moradores do local vive da pesca e alguns dos antigos moradores (inclusive, os entrevistados deste artigo em específico) foram realocados para um espaço do bairro conhecido como “Baixa Fria”. Esse espaço é denominado Conjunto Habitacional João Carlos Silva Falcão (ou Cascavel) e é o ponto de partida para quem deseja mergulhar nas antigas histórias e vivências da comunidade quilombola de Dom João.

A pesquisa realizada visa contribuir com práticas pedagógicas de professores na educação básica, socializando com costumes e tradições através dessas manifestações corporais e culturais de origem quilombola, indígena e portuguesa. Como mulher negra nascida e criada no Quilombo Dom João, minha motivação para este trabalho começou quando passei a ter consciência de que as brincadeiras de infância estão sendo deixadas de lado (tanto em ambientes formais quanto em informais de educação do meu cotidiano). Sendo assim, um dos meus objetivos é justamente perceber a importância que essas brincadeiras acrescentam na vida adulta dessas crianças, observando também a importância do pertencimento étnico para a formação das mesmas. Nesse sentido, tratar sobre o tema é uma forma de explorar a nossa cultura (baseada nas questões da formação do povo brasileiro atualmente) com o resgate de identidades através do “brincar”.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para a execução da pesquisa, e tendo em vista as pretensões iniciais do trabalho, a abordagem metodológica utilizada se pautou nas entrevistas semi-estruturadas, que foram aliadas importantes no processo de produção de dados para a pesquisa. Assim, entrevistei pessoas que fizeram parte do meu ciclo de brincadeiras no Quilombo Dom João para estabelecer conversações importantes sobre a temática. As entrevistas foram realizadas no dia 17 de novembro de 2023. Foram entrevistados quatro adultos e três crianças. Para a realização das entrevistas elaborei um roteiro de perguntas que foi utilizado para sistematizar a conversa.

Fez parte também da abordagem metodológica da pesquisa o levantamento bibliográfico sobre textos que abordassem o tema. E fiz alguns registros fotográficos de dez brincadeiras no Quilombo, selecionando as que mais marcaram a minha infância, para que pudessem ilustrar o artigo com imagens das brincadeiras.

3 BREVE LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O TEMA

No texto *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*, Kishimoto (et al, 1996) aborda que a infância, além dos vários significados e associações que a fundamenta, é a lembrança “inocente” do adulto em relação às suas próprias vivências nesse período de vida.

Sobre a brincadeira e o ato de brincar, a autora afirma que, apesar de ser uma atividade livre e com pouca seriedade comparada ao trabalho ou aos estudos, a criança desenvolve características importantes até mesmo para esses compromissos tidos como “sérios” (por exemplo, a atenção, a memorização, destreza, dentre outros), entretanto, ressalta que a criança não brinca com o propósito de adquiri-las.

Outro apontamento bastante relevante trazido por Kishimoto, diz respeito às brincadeiras tradicionais infantis. Conforme a autora, essas brincadeiras também podem se incluir no seio da cultura popular e da oralidade, tendo em vista as suas dinâmicas e as transmissões que ocorrem ao passá-las de geração para geração.

Mesmo que essas brincadeiras se modifiquem com o tempo, faz-se necessário frisar sobre o auxílio da oralidade nessa teia que Kishimoto chama de “Cultura Infantil” (1996, p.38).

No livro “O brincar na educação infantil”, Letícia Cavassana (2021) discute sobre a importância que as brincadeiras de infância no Brasil têm, e que estão vinculadas às influências dos povos africanos, indígenas e portugueses, assim como vários outros costumes e atividades conhecidas no núcleo escolar.

Nesse sentido, Kishimoto (1996) cita três brincadeiras famosas com influência da cultura portuguesa: a “amarelinha”, o “jogo de botão” e o “pião”. Aliás, mais precisamente, elas faziam parte de contextos históricos mais distantes (isto é, pensando nos antepassados dos europeus).

Ainda nessa discussão sobre “heranças culturais” das brincadeiras de infância, Cavassana (2021) traz várias contribuições para tratar das influências indígenas nessa dinâmica. Com isso, ela alega que as brincadeiras desses grupos possuem características peculiares como, por exemplo, a presença de elementos da natureza na composição (dentre eles, animais, terras, troncos de árvores). Assim, Altman (2000) exemplifica a “peteca” como brincadeira com influência indígena.

Infelizmente, tendo em vista os processos de formação do povo brasileiro, sobretudo no período colonial, os interesses por economia e trabalho eram muito maiores e, assim, não há tantos registros sobre as historicidades dessas brincadeiras, porém, atualmente, muitos estudiosos relacionam as brincadeiras atuais dessas populações com as que existem hoje no Brasil. Por isso, sobre os jogos de influência africana, pensando em todo o processo de escravização do povo preto, a maturidade precoce era frequente por parte das crianças.

Tratando, de fato, acerca das denominadas “brincadeiras de rua”, Letícia Cavassana traz a informação de que na história das mesmas houveram dois períodos importantes: o primeiro, no período republicano, quando os filhos de trabalhadores tinham o costume de brincar em bairros operários, e o segundo momento, já no século XX, quando as brincadeiras em espaços públicos eram repreendidas e condenadas,

pois acreditava-se na possibilidade de crescer a criminalidade (uma vez que crianças pobres estavam envolvidas na dinâmica).

Após esse debate, a autora faz críticas à perda da dimensão pública (a rua) como espaço lúdico, principalmente por influência da globalização e o crescimento das grandes cidades. Além disso, a questão dos aparelhos tecnológicos também faz parte desse processo. Assim, levantar essas discussões é uma atividade interessantíssima pois, apesar de ocorrerem essas mudanças em grande escala afetando territórios, ao passo que também existe uma manutenção dessas práticas, como em São Francisco do Conde que as brincadeiras ainda fazem parte do cotidiano das crianças, tanto nos espaços abertos (nas ruas), quanto nos de ensino e de casa.

Os textos lidos para a elaboração do presente ensaio estão justamente ligados à minha linha de raciocínio, onde observando como as brincadeiras tem perdido espaço tanto no ambiente escolar, como no cotidiano infantil, seguimos perdendo espaço para recursos tecnológicos atuais, como celulares, tablets, tvs, computadores, dentre outros, proporcionando a essas crianças e adolescentes novas formas de entretenimento. Logo, causando o desencanto de brincar e criar seus próprios brinquedos (como acontecia anteriormente as criações da perna de pau, peteca, bonecas, carrinhos, e uma infinidade de brinquedos, que sabemos não fazem mais parte do cotidiano de várias crianças e adolescentes).

Como muitos estudiosos alegam, essas mudanças do cotidiano infantil e infantojuvenil vem comprometendo o desenvolvimento fisiológico, psicomotor e sócio-afetivo dessas crianças. Partindo daí, observa-se que é a escola um lugar próprio para desenvolver essas habilidades humanas de forma prazerosa e eficiente na contribuição para práticas pedagógicas para professores de educação básica e de outras áreas. Com isso, há a possibilidade de existência de um trabalho interdisciplinar por meio de práticas corporais do contexto que servem como material de apoio da escola (tendo influência da Comunidade Remanescente Quilombola do Cedro, localizada em Minas Gerais, GO), como forma de ressignificar e valorizar esses padrões e práticas, resgatando as tradições, jogos, brincadeiras e brinquedos junto a tradição de um povo de extrema importância. Posto isto, também existe a tentativa de desconstruir tais processos educativos para a reflexão de professores(as), fazendo uma releitura da

cultura quilombola através das brincadeiras e enriquecendo as escolas da educação básica.

Partindo disso, o texto traz a informação que a manifestação corporal e o brinquedo podem ser vistos como formas pedagógicas de incentivo para uma trajetória de luta e resistência de um povo. A Comunidade Quilombola do Cedro, que serviu de referência para os escritores, nasceu no fim da escravidão por conta da exploração das terras invadidas, porém alguns lutaram bravamente e conseguiram se manter nas áreas onde viviam e resistiram ao longo do tempo. Assim, são chamados Remanescentes Quilombolas ou Quilombo Contemporâneo e a Comunidade do Cedro existe em 24 estados federais (2020).

Tendo em vista esse ponto de vista dos autores, a comunidade quilombola assim como outras é um símbolo de resistência, além de ser riquíssimo para a sociedade, e trazer esses brinquedos e brincadeiras para a atualidade não tem como objetivo principal retomar esses costumes e discussões acerca desses conceitos “jogo” “brinquedos“, mas sim de expor como sua manifestação cultural pode ocorrer nas escolas e contribuir nos processos didáticos contribuindo para as práticas didáticas de professores no Brasil. “Vale ressaltar que defendemos a ideia de recorrer aos jogos e brincadeiras como puro material institucional, mas sim como um caminho legítimo para apropriação do conhecimento humano como uma atividade guia” (ELKONIN,1987). O segundo benefício é a sua utilização como instrumento metodológico de alfabetização.

Processos educativos no ambiente escolar são fundamentais para garantir a socialização dos saberes acumulados da humanidade por conseguinte e sabe-se que as diversas disciplinas inseridas no currículo das escolas se esforçam para garantir a socialização desses conhecimentos de forma lúdica. Os meios de jogos e brincadeiras trazem benefícios sob dois aspectos: superação do ensino tradicional da área de exatas (substituindo por uma forma mais prazerosa), com sua utilização como instrumento metodológico na alfabetização (por exemplo, apropriação de letras do alfabeto, outrora estabelecido pela repetição, hoje pode ser dinamizada por pinturas, brinquedos de encaixe, brincadeiras cantadas e outros jogos).

4 COMO ERAM AS BRINCADEIRAS EM DOM JOÃO? COMO SÃO AS BRINCADEIRAS EM DOM JOÃO?

Com a intenção de fazer um breve levantamento sobre as brincadeiras existentes na comunidade de Dom João, como era e como são, resolvemos realizar algumas entrevistas com adultos e crianças, para saber através das suas narrativas quais as lembranças e práticas atuais do brincar presentes na comunidade, seja na memória ou ainda presentes no cotidiano atual das crianças. Foram entrevistados sete moradores do Conjunto Habitacional João Carlos Silva Falcão, levando em consideração o princípio das entrevistas semiestruturadas e das conversações livres.

Do que se recordam os adultos...

Entrevistado (a): Adelize Cerqueira - (Idade: 54)

Sim! Brincava com parentes e vizinhos... As brincadeiras ocorriam mais na frente de casa. Na minha casa tinha, era, um quintal imenso. A frente então era pra lá que as meninas iam; a gente brincava muito de se esconder. Os "menino", todo mundo ali junto; não tinha ousadia, não tinha nada que nem hoje, né? hoje as crianças não "pode" mais brincar com meninos porque as criança "cresce" com a internet aí, muita coisa, né? então fica muito pra frente, um pouco, né? então, antigamente não tinha maldade; era muito bom.

No meu tempo de criança a gente brincava; tinha as brincadeiras que a gente fazia de pular corda, brincar de bola, brincar de boneca e hoje a gente não vê as crianças mais brincar de boneca; é difícil você ver uma criança brincar de boneca, ver uma criança com carrinho.

Entrevistado (a): Luciano Bispo - (Idade: 43)

O que as crianças gostava de brincar era de bolinha de gude, era de bandeirola, era de futebol... hoje a gente não vê mais porque da internet.

Sim, Adriene, o que eu mais lembro era que eu com minha deficiência de poliomielite aos 9 meses de nascido mesmo assim meus amigos me levavam para o campo pra brincar de bola e se a bola [pegasse no meu p'pe era mão e se pegasse na minha mão era pé. Era muito isso que guardo até hoje e levo pra vida.

Minha brincadeira favorita, como eu não tinha muita sensibilidade, era bolinha de gude, entendeu? essa pra mim era minha brincadeira favorita porque era acessível à pessoa com deficiência.

Entrevistado (a): Valdelice Bispo - (Idade: 51)

Minhas lembranças são muitas, entendeu? Porque a gente brincava, brincava menino com menina, mãe de família, entrava no meio, todo mundo ali, entendeu, junto? E não tinha maldade, não tinha questionamento porque era menino brincando com menina e hoje não pode e lá antigamente todo mundo era junto e misturado e dava tudo certo, graças a Deus.

Brincava de se esconder, de amarelinha, de pega-pega, de ôno-um, de amarelinha, bola de gude, de tudo um pouquinho.

Brincava sim, mas tinha uma vizinha lá que era nossa referência, que ela tinha sete filhos e a tarde se reunia todo mundo a partir das cinco horas e todo mundo brincava junto.

Entrevistado (a): Helen Botelho - (Idade: 23)

Não via tantas brincadeiras que eu brincava na escola na rua não; até porque acho que isso vai de geração mesmo. Na minha época de escola eu brincava mais de jogos de tabuleiro, ludo, brincava com aquele dominó que juntava a imagem com a palavra... era esse tipo de brincadeira que tinha na escola, contação de história. Na rua já não tinha tanto isso não; digamos que tinha uma formalidade nas mesmas. A gente brincava, eram brincadeiras mais ativas, de correr, de se esconder, de pular, de cantar, de exercer várias funções do corpo assim. Já na escola as brincadeiras eram mais voltadas ao aprendizado, não que essas de rua não sejam, mas a da escola focava mais nisso e essas não; tem toda uma questão por trás de elas trazerem um aprendizado também pra as crianças, mas que às vezes a gente tá brincando e a gente não reconhece que tá aprendendo alguma coisa ali. A da escola não; a gente sabia que tava aprendendo alguma coisa.

Do que brincam as crianças...Entrevistado (a): Arthur Miranda - (Idade: 06)

*Eu gosto de brincar de amarelinha
Na minha escola brinco de amarelinha, jogar bola, patinete, tudo...
O que eu mais brinco é patinete.*

Entrevistado (a): Ayala Sofia - (Idade: 06)

*Minha brincadeira preferida é comidinha
Na minha escola brinco das mesmas brincadeiras: Amarelinha e comidinha.*

Entrevistado (a): Johnatan Cerqueira - (Idade: 04)

*Brinco de pega-pega, esconde-esconde e morto-vivo”
Prefiro brincar com amigo.*

Partindo dessas falas, é perceptível a presença da ação de lembrar e rememorar os fatos e os acontecimentos do passado, sobretudo, nas entrevistas dos adultos. Nesse sentido, um ponto bastante importante nos momentos de conversações (e que fez parte da fala da maioria dos adultos entrevistados) foi a questão da “perda” da essência das brincadeiras antigas, tendo em vista as adaptações atuais. Segundo muitos deles, é mais comum ver uma criança hoje brincando com celulares, computadores e eletrônicos do que com recursos que a rua traz. Assim, foi importante desenvolver também entrevistas com crianças que, apesar de não focarem nos eletrônicos ao tratarem sobre suas brincadeiras favoritas, não são vistas com muita frequência brincando nas ruas ou com brinquedos feitos à mão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das propostas deste trabalho, para além de discutir acerca das brincadeiras e dos brinquedos de infância em espaços formais e não-formais, foi a tentativa de transmitir (através das memórias, das falas) as sensações de um período bastante significativo e importante para as pessoas da comunidade quilombola de Dom João. O mais interessante disso tudo foi poder apreciar, escrever e desenvolver trabalho com pessoas que ativam o princípio da “memória coletiva”, pensando nas interações feitas mediante ao exercício da pesquisa. Posto isto, considera-se de grande relevância trazer brincadeiras e brinquedos de infância para as instâncias (formais e informais) de ensino, justamente por auxiliar na inovação de metodologias que considerem o exercício de ensino-aprendizagem nesses espaços.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Leonardo Carlos de (et. Al). **Diversão e conhecimento**: Um resgate de brincadeiras e jogos da comunidade quilombola do Cedro. Minas Gerais, 2020.
- CAVASSANA, Letícia. **O brincar na educação infantil**: enunciações docentes em um contexto de formulação continuada. Vitória, ES: 2021.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo, 1996.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA II (CRIANÇAS)
<ul style="list-style-type: none"> • Nome: • Idade: • Local de moradia:
<ol style="list-style-type: none"> 1) Gosta de brincar? 2) Quais brincadeiras você brinca que são realizadas fora de casa? 3) Quais brincadeiras você mais gosta? 4) Prefere brincar sozinho ou com irmãos, parentes, vizinhos e amigos? 5) Na sua escola ocorrem brincadeiras parecidas com as que você brinca na rua ou em casa? Quais? 6) Qual a brincadeira que você mais brinca?

ROTEIRO DE ENTREVISTA I (ADULTOS)
<ul style="list-style-type: none"> • Nome: • Idade: • Local de moradia:
<ol style="list-style-type: none"> 1) Quais lembranças têm das brincadeiras da sua infância? 2) Do que as crianças costumavam brincar na infância? 3) Você costumava brincar com parentes e vizinhos? 4) As brincadeiras ocorriam mais em casa ou na rua? 5) Qual (is) diferença (s) você percebe entre as brincadeiras de hoje e as do seu tempo de criança? 6) Existe alguma lembrança marcante (um momento específico) de quando você brincava na rua? Qual? 7) Qual era a sua brincadeira favorita? Por que? 8) As brincadeiras que aconteciam em casa ou na rua eram parecidas com as da escola?

ANEXOS



